

Literatura indígena brasileira: a resistência e o protagonismo dos povos originários na poética de Márcia Wayna Kambeba

*Brazilian indigenous literature: the resistance
and protagonism of native peoples in the
poetics of Márcia Wayna Kambeba*

Rosely Sobral Gimenez Polvani*

Universidade Estadual do Oeste Do Paraná
– Unioeste

Franciele Lucia Libardi**

Universidade Estadual do Oeste Do Paraná
– Unioeste

Valdeci Batista de Melo Oliveira

Universidade Estadual do Oeste Do Paraná
– Unioeste

Resumo: Este presente trabalho tem por objetivo a formação de leitores literários na lírica indígena brasileira contemporânea de Márcia Wayna Kambeba numa perspectiva recepcional e lúdica. A poesia lírica foi escolhida por sabermos da importância da poesia como ferramenta de conhecimento de si e do mundo ao redor, principalmente na vida dos alunos pelo fato de as escolas não darem destaque ao trabalho com a poesia nas atividades de Língua Portuguesa, pendendo para os textos prosódicos, acabam privando os escolares de uma experiência lírica. Parafrazeando Croce a poesia é tão importante e útil ao nosso espírito, pois se assemelha ao raio de sol, nos livrando da escuridão (CROCE, 1997, p.162). Buscamos compreender de que maneira, como professoras e pesquisadoras podemos contribuir para a valorização das vozes indígenas, carregadas de um legado de indescritível importância para a história brasileira, e a quebra dos pré-conceitos estabelecidos pelos homens brancos presente estruturalmente na sociedade brasileira. O escopo teórico se apoia nas teorias de Risério (1993), Dorrico Et Al. (2018), Kambeba (2020), Iser(1999), Jauss (2002), Santos (1997), Croce (1997), dentre outros. Este estudo visa resgatar o prazer da leitura com o uso da poesia em sala de aula, trazendo a lírica indígena como símbolo de resistência desses povos originários.

Palavras-chave: Formação de Leitor; Poesia Lírica; Resistência indígena; Recepção.

Abstract: This present work has the objective the formation of literary readers in the contemporary Brazilian indigenous lyric of Márcia Wayna Kambeba in a reception and playful perspective. The lyric poetry was chosen because we know the importance of poetry as a tool for self-knowledge and the world around, mainly in the lives of students due to the fact that schools do not give prominence to work with poetry in Portuguese Language activities, leaning towards prosodic texts, end up depriving schoolchildren of a lyrical experience. To paraphrase Croce, poetry is so important and useful to our spirit, as it resembles the sunbeam, freeing us from darkness (CROCE, 1997, p.162). We seek to understand how, as teachers and researchers, we can contribute to the appreciation of indigenous voices, loaded with a legacy of indescribable importance for Brazilian history, and the breaking of the preconceptions established by white men structurally present in Brazilian society. The theoretical scope is supported by the theories of Risério (1993), Dorrico Et Al. (2018), Kambeba (2020), Iser (1999), Jauss (2002), Santos (1997), Croce (1997), among others. This study aims to rescue the pleasure of reading with the use of poetry in the classroom, bringing the indigenous lyric as a symbol of resistance of these native peoples.

Key-words: Reader training; Lyric poetry; Indigenous resistance; Reception.

POLVANI, Rosely Sobral Gimenez; LIBARDI, Franciele Lucia; OLIVEIRA, Valdeci Batista de Melo. Literatura indígena brasileira: a resistência e o protagonismo dos povos originários na poética de Márcia Wayna Kambeba. *Léguas & Meia*, Brasil, v.15, n. 1, p. 172-186, 2024.

Introdução

Para o escritor, poeta e educador social Daniel Munduruku, “O papel da literatura indígena é, portanto, ser portadora da boa notícia do (re)encontro. Ela não destrói a memória na medida em que a reforça e acrescenta ao repertório tradicional outros acontecimentos e fatos que atualizam o pensar ancestral” (DORRICO *et al.*, 20018, p. 83). Esse trecho é retirado de um artigo de Daniel Munduruku contido no livro escrito por vários autores indígenas *Literatura Indígena Brasileira Contemporânea - Criação, Crítica e Recepção*, que aborda sobre a literatura indígena e a memória de um povo pela literatura. Apresenta-nos algumas questões interessantes para compreendermos um pouco a despeito de tal literariedade, e, em especial, a literatura indígena brasileira contemporânea.

É importante compreendermos que não apenas os poetas e escritores indígenas precisam abrir os olhos e o coração para a poesia lírica indígena, como também os diferentes pesquisadores desse campo temático precisam mostrar mais sistematicamente a colheita poética de suas incursões pela poesia lírica indígena.

Foi pensando nessa questão que propomos a incursão em dois poemas de Márcia Wayna Kambeba titulados como “Os filhos das águas do Solimões” e “Minha Memória – Meu legado” presentes no livro *Ay Kakari Tama (Eu moro na cidade)* de 2013. Nesses encontros e reencontros com a literatura, cultura, memória nos poemas, ancoramo-nos em Eliot, que define de maneira esplêndida a poesia: “É uma constante advertência a tudo aquilo que só pode ser dito em uma língua, e que é intraduzível” (ELIOT, 1991, p. 37).

Nesse sentido, esta construção multimodal vem recebendo a contribuição ao longo dos tempos da tradição oral, em que o escritor Kaka Werá Jecupé (1998, p. 26 apud Thiel, 2012, p. 44) a considera “[...] a forma original da educação nativa [...]”. E ainda reforça que “culturas fundamentadas na tradição oral revelam sua crença no poder que a palavra pronunciada possui” (THIEL, 2012, p. 44).

Neste âmbito, a literatura indígena brasileira desenvolvida a partir dos anos 90 é um dos fenômenos político-culturais dos séculos XX e XXI, vista por muitos como uma espécie de veículo da língua indígena escrita, que traduz toda a cultura falada em cada aldeia, enfim, em cada povo ameríndio do Brasil, e, por isso mesmo, seria a expressão máxima da “Memória” desses povos, dessas nações.

Seguindo os passos desses poetas indígenas brasileiros, a literatura indígena por meio da poesia seria um espaço para a “comunicação de uma nova experiência, ou uma nova compreensão do familiar, ou a expressão de algo que experimentamos e para o qual não temos palavras – o que amplia nossa consciência ou apura nossa sensibilidade.” (ELIOT, 1991, p. 38).

Nesse sentido, o papel de todo pesquisador quer seja indígena ou não seria o de comunicar a “experiência de apropriação da escrita pelos povos indígenas, relatando as histórias míticas dos povos, suas fantásticas guerras intertribais, as ousadas peripécias de curumins e cunhatãs na grande floresta amazônica. Imagens do bom selvagem e sua relação com a natureza, do guerreiro imponente, do bom caçador e pescador, do velho contador de histórias, do pajé e seu miraculoso chocalho e maracá” (DORRICO ET AL, 2018, p. 67). A fim de valorizar e debater sobre o lugar de fala dos povos originários, assim como o direito às suas terras, as glórias de sua cultura e a sua imprescindível contribuição para a formação do povo brasileiro. Faz-se necessário também, o debate acerca da marginalização e exploração que sofreram desde a invasão portuguesa até os dias de hoje.

Aline Pachamama (2020) afirma que a escrita, para além de uma manifestação cultural, é também luta e sinônimo de resistência: “A partir de nossas inquietações, escrevemos. Para honrar nossos ancestrais, escrevemos. Escrevemos porque há uma floresta em nós, afetos e uma luta. Escrevemos para desconstruir registros colonizadores” (PACHAMAMA, 2020, p. 26). A escrita funciona como transcrição física de um material passado por inúmeras gerações em transmissões orais, destaca a importância do protagonismo de vozes há muito tempo marginalizadas e apagadas pela exploração etnocêntrica. A escrita de autoria indígena transgride os círculos acadêmicos e ecoa para além da floresta como um grito de resistência, para que, como afirmam Kopenawa e Albert (2015) “[...] suas ideias a nosso respeito deixem de ser tão sombrias e distorcidas e talvez até percam a vontade de nos destruir” (KOPENAWA & ALBERT, 2015, p. 76).

Diante da necessidade e da possibilidade de valorizar a escrita indígena, propomos como professoras da língua portuguesa, o debate e análise dos dois poemas Kambebianos supracitados. Sabemos que, a partir da publicação da Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas em 2008 e da promulgação da lei 11.645/2008, é de caráter obrigatório o trabalho com a cultura e história dos povos indígenas e afro-brasileiro na escola, neste sentido, vemos como um caminho coerente o trabalho com a literatura indígena para a efetivação da lei e da valorização dos povos por meio da sua visão e não sob um olhar colonizador.

Acresce afirmar que a literatura, e em específico a poesia, possui um caráter humanizador e é uma possibilidade para a instigação de leitores frutivos e de cidadãos críticos, assim como afirma Pinheiro (2007) “[...] a poesia, através do jogo sonoro (aliterações, assonâncias, rimas, etc) e semântico, desloca sentidos, cria outros, revitaliza palavras através de associações inusitadas, joga com a tensão entre som e sentido (PINHEIRO, 2007, p. 52). A poesia tem o poder hipnotizador de cativar e desvelar o homem, fazendo se reconstruir e reinventar por meio do seu olhar afetivo para com a obra, que se reconstrói a cada leitura e a cada leitor.

Neste segmento, é possível afirmar que a poesia dispõe inúmeras possibilidades de leitura por meio de seu jogo poético e abre espaços para que os educandos e educadores discutam suas ideias e repensem os estereótipos ligados aos povos ameríndios. Diante das afirmações e do embasamento teórico exposto, o objetivo cardinal desta pesquisa é a análise e debate sobre a literatura indígena contemporânea e especificamente sobre a escrita de Kambeba (2018), discutindo sobre possibilidades e dificuldades da aplicação dos mesmos em sala de aula. A interrogação que nos move é: De que maneira, em nosso lugar de fala como pesquisadoras e professoras, podemos contribuir com a valorização das vozes indígenas, a quebra de pré-conceitos estabelecidos e propiciar a possibilidade da formação crítica?

A fim de buscar acalento para as interrogações expostas e tomando como base o arcabouço teórico exposto, analisaremos as poesias kambebianas, que se demonstram férteis oportunidades de representatividade, de ressignificação dos processos de indigenização e sobretudo, de luta e resistência. A seguir, na primeira seção analisaremos o poema “Os filhos das águas dos Solimões” e na seção seguinte “Minha memória - Meu legado” (2018) e discorreremos sobre as possíveis aplicações em sala de aula. Para então, finalizar com as considerações finais.

Literatura indígena na sala de aula

A escrita é um movimento de resistência em que as minorias marginalizadas no nosso país veem a possibilidade de terem as suas vozes ouvidas e as suas singularidades reconhecidas. Não é diferente com a cultura indígena, as suas produções literárias cresceram significativamente nas últimas décadas e os diversos povos indígenas do Brasil ganharam destaque nacional e internacional, como é o caso de Kambeba, Krenak e Munduruku.

Contar através da escrita os costumes e crenças dos povos dos nossos países é uma forma de nunca esquecer as mazelas sofridas por um povo que teve seus costumes arrancados e seus povos quase dilacerados. Exaltação da natureza, descrição de ritos e dos espíritos que os governam são possibilidades que estão presentes na poesia de Márcia Kambeba. Essas temáticas, para além de mostrarem a riqueza da cultura indígena, - que ainda é muito pouco valorizada, sobretudo na sociedade sectária brasileira atual -, descrevem a importância do cuidado com as florestas e a ira dos espíritos protetores com a sua destruição quase iminente.

Desde o início da colonização os índios eram vistos como meros espectadores, mão-de-obra necessárias para suprir as necessidades dos portugueses, enquanto os povos imigrantes eram considerados como formadores da nacionalidade brasileira, os nativos foram aos poucos apagados, ficcionalizados e relatados aos olhos dos etnocêntricos, sendo descaracterizados como sujeitos de si e da sua cultura. Essa marginalização reverbera até hoje na sociedade brasileira.

A análise e o trabalho com as obras de origem indígenas na sala de aula, sobretudo, são de suma importância para a criação de subsídios de interpretação, análise e valorização da pluralidade cultural no Brasil. Desde a obrigatoriedade do trabalho com a cultura indígena nas escolas, pela Lei 11.465/08¹, o trato com a história indígena e afro-brasileira passou a ser abordada com mais frequência. Contudo, para que o aluno seja formado integralmente, que dê importância ao indígena e a sua cultura, é necessário que os professores não se detenham em um estereótipo do Índio e do Afro-brasileiro, como é frequente em atividades escolares que trazem a temática apenas no dia 19 de abril. Colorir um aborígene como se ele representasse a variedade de tribos brasileiras, abordá-los como se não existissem mais ou como se estivessem aculturados é uma estereotipação preconceituosa. Assim, um caminho para uma desconstrução preconceituosa do indígena, de acordo com Rodrigues (2016), é

[...] utilizar, no ensino escolar, obras literárias indígenas (dos mais variados gêneros) e que se referem aos indígenas como forma de fazer com que os estudantes tomem contato com as representações dos vários povos indígenas brasileiros e, em seguida, reinterpretem criticamente as representações ali contidas. (RODRIGUES, 2016, p. 117).

Tendo a perspectiva de indígenas reais e a sua visão como base, a abordagem da temática em sala de aula torna-se uma possibilidade para mostrar os indígenas como sujeitos ativos na sociedade brasileira. Na argumentação da ideia da resistência indígena, entende-se que escola tem papel fundamental nesse debate, pois, como mencionamos, por meio das diferentes práticas pedagógicas envolvendo a poética de Kambeba muito poderá contribuir e influenciar na formação das imagens desses povos ao longo da história da população indígena, desconstruindo no presente os estereótipos a fim de que seja superada tal invisibilidade imposta etnocentricamente.

¹ A Lei 11.465/08 tornou obrigatório a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo escolar brasileiro. Fonte: portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/206-1084311476/10182-sp-1015557903

Para Kambeba (2018), a escrita tornou-se ferramenta importante na manutenção da cultura indígena, tanto pela facilidade de registro das manifestações culturais, quanto pela perspectiva de popularização do indígena e o papel dele na sociedade brasileira. E assim, “Com a escrita nasce a ‘literatura indígena’, uma escrita que envolve sentimento, memória, identidade, história e resistência” (KAMBEBA, 2018, p. 39). Para além da informação de catalogação de manifestações culturais, a literatura de escrita indígena tem colaborado para a construção do conhecimento acerca dos povos originários do Brasil nas redes estaduais e municipais de ensino e universidades, a fim de perceber esta cultura pela visão dos seus integrantes.

A cultura indígena ainda é vinculada a ensinamentos vinculados a um imaginário de “índio”, termo pejorativo e carregado de sentido estereotipado, como a comemoração da ideia folclórica e fictícia realizada no dia 19 de abril, principalmente em escolas. A reprodução do indígena no âmbito educacional, suas vestimentas e manifestações culturais relativiza a diversidade dos povos em um só, romantizando o originário e recriminando a sua identidade. Uma mudança vem ocorrendo para que estes povos tenham maior visibilidade no cenário nacional, o que é perceptível com o Projeto de lei proposto pela deputada federal Joenia Wapichana² para a alteração do “Dia do índio” para o “Dia dos Povos Indígenas”. Desta maneira, a reivindicação é que na data em questão sejam feitos projetos para uma reflexão sobre a luta e a resistência, focando na mobilização e no garantimento dos direitos dos povos originários. Com a mudança, além da exclusão do termo pejorativo, a data deixa de ser comemorativa, instigando a fantasia a reprodução cultural banalizada e passa a ser impulso para a luta.

A literatura indígena, como já mencionado, funciona como uma ferramenta didática para o debate e compreensão da luta indígena. Sobre a relação dos povos originários e a poesia em específico, Kambeba (2018, p. 40) sugere que a poética sempre esteve presente na cultura dos povos originários, mas que agora é exteriorizada na escrita e tem um alcance maior.

[...] os indígenas sempre buscaram poetizar sua vivência. O contato do corpo com a água num banho de rio à tardinha é uma bela imagem poética a ser apresentada aos olhos atentos de quem busca narrar a relação homem x natureza. Pela poesia a criança ou mesmo o adulto leitor entende que há uma preocupação forte em cuidar de bens tão necessários e preciosos como a água e seu uso pela população.

A poesia sempre esteve presente nos olhos atentos de quem busca uma significação para a vivência, em específico, na relação do homem com a natureza, como afirma a autora. A possibilidade de conscientização de preservação e do fortalecimento das relações homem/natureza é possível ser instigada pela poética dos povos originários. A mudança de estigmas é vagarosa e trabalhosa, mas o caminho é a afirmação e ecoamento destas vozes, como a realizada por meio da literatura indígena.

Sobre as práticas pedagógicas de leituras de poemas, conceberemo-nas pelas vias da Estética da Recepção, em que o texto se completa no leitor, como se poderá observar no estudo proposto. Recorrendo a Jauss (1983), constatamos que:

O texto poético se torna compreensível na sua função estética apenas no momento em que as estruturas poéticas, reconhecidas como características no objeto estético acabado, são

² O projeto de Lei foi proposto em 2019 e ainda está tramitando na câmara dos deputados. Pode ser acompanhada pelo link: www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2224662

retransportadas, a partir da objetivação da descrição, para o processo da experiência com o texto, a qual permite ao leitor participar da gênese do objeto estético. (JAUSS, 1983, p. 307).

Assim, fundados nos estudos de Jauss (1983) que acredita que o texto é produto do leitor, em que (re)constrói seu sentido no processo da leitura. Diante dessa percepção, compreende-se que o texto está aberto para recepções e novas interpretações, não se encontrando de todo acabado, mas em constante mutação, pois está submetido à experiência do receptor, que é proporcionada pela leitura.

Iser (1996) discorre acerca da interação entre a obra literária, a sua estrutura e a interação entre o leitor. Para o autor, a interação entre autor e leitor deve referir-se aos processos pelos quais os textos são experimentados durante a leitura, compreendendo os atos que dão início aos juízos sobre a arte e que se atualizam no ato da experiência. Sendo central a substituição da pergunta muito recorrente na análise interpretativa de textos “O que significa este poema” pela pergunta “O que desperta no leitor quando o ato da leitura se realiza?”, modificando o caráter referencial que o sentido possui na primeira pergunta pela experiência estética que estimulou no leitor.

Neste sentido, o discurso do texto se constitui como um organismo vivo que se relaciona com o seu leitor:

A relação entre o texto e o leitor se atualiza porque o leitor insere no processo da leitura as informações sobre os efeitos nele provocados; em consequência, essa relação se desenvolve como um processo constante de realizações. O processo se atualiza por meio dos significados que o próprio leitor produz e modifica. (ISER, 1996, p. 127).

Ao passo em que o leitor insere no texto os efeitos provocados nele, o texto se atualiza e ganha caráter aberto, sempre concreto, mas passível de modificações na medida em que o leitor se ajusta às imprevisibilidades do texto.

Visando a importância da recepção da obra e do efeito despertado no leitor pela estética da obra, propomos a análise de três poemas de Marcia Kambeba (2020), que tem por objetivo a valorização da cultura dos povos originários do Brasil e a relação entre a escrita e a resistência de autores indígenas, que utilizam a escrita como ferramenta para sobretudo a preservação ambiental e de seus costumes.

Os filhos das águas Omágua/Kambeba

A partir destas formulações, apresentamos a seguir o poema de Kambeba, intitulado “Os filhos das águas do Solimões”, seguido de análises, em que temos o registro da memória comunicada de um povo estendida a outros povos e nações. Assim, transcrevemos e releemos o poema de Kambeba. Leiamos:

Os filhos das águas do Solimões

A água é a mãe que sustenta,
A vida que nasce como uma flor
Alimenta a planta e o ser vivente,
É estrada por onde anda o pescador.

Na enchente, vem veloz e furiosa,
Derrubando ribanceiras, destruindo a plantação,
Afeta a vida do indígena e ribeirinho,
É um ciclo que se renova a cada estação.

Na vazante o rio quase some.
A praia começa a surgir,
A água, agora bem calminha,
Não tem forças para a roça destruir.

Nas margens de um rio em formação,
Vive um povo que a água fez nascer,
Em um parto de dor e emoção,
A várzea, o Kambeba escolheu pra viver.

Mas em um contato fatal,
Com um povo mais socializado,
Fez dos herdeiros das águas,
Um povo desaldeado.

Tomando seu solo sagrado,
Sem dor, piedade ou compaixão,
Os kambeba foram escravizados,
Apresentados à "civilização".
Exploraram a sua força,
Forjando uma falsa proteção. (Kambeba, 2018, p.49).

A poesia lírica, que em alguns momentos apresenta uma realidade sonhada pela poeta, e em outros vista claramente de forma distópica. Márcia Wayna Kambeba mostra o seu desencanto e amargura em relação ao desaldeamento, a falta de proteção e a exploração que continuam reverberando na sociedade indígena do século XXI.

Lembremos que Kambeba viveu até os oito anos na aldeia e ainda hoje continua ligada ao povo Kambeba por meio da pesquisa, da literatura e de outras artes como forma de resistência para que as situações brutais e de desrespeito às civilizações indígenas que aconteceram no passado como também na contemporaneidade sejam discutidas e conhecidas por outros povos e nações.

Tais situações são reforçadas ainda mais no livro de Thiel, *Pele silenciosa, pele sonora A literatura indígena em destaque* quando a autora Janice afirma que

Os povos indígenas das Américas precisaram enfrentar guerras, escravização, perseguição, massacres, epidemias e remoção para reservas. A ocupação das terras de norte a sul não aconteceu sem resistência. Confrontos com exploradores e colonizadores, com governantes e soldados, fazem parte da História (THIEL, 2012, p.25).

Tudo isso que vem sendo registrado ao longo de nossa história por historiadores, escritores, pesquisadores apesar de triste e nitidamente real que vivemos no Brasil, e especificamente nas aldeias do Pará, transbordam por toda a lírica kambebiana.

Na perspectiva de refletir sobre a atualidade, trazemos para o cenário a reportagem da Agência Senado digital, escrito por Nelson Oliveira, datada de 03/09/2021 sobre o desaldeamento que está ocorrendo num garimpo ilegal na terra Indígena Kayapó, questão esta relacionada à extração de ouro, deixando muitas famílias indígenas desaldeadas.

Para além disso, a perda do território, a perda da liberdade, a perda das utopias, a crise do indígena contemporâneo, estão sendo retratados no poema *Os filhos das águas do Solimões*.

Kambeba em sua narrativa poética nos chama atenção, a começar pelo título da sua obra: *Os filhos das águas do Solimões* em que Solimões é o nome do rio e do povo que originalmente habitavam suas margens e que em todo momento é personificado

naquele que nos traz sustento, mas também destruição - reflexo das ações do homem no meio ambiente.

Por estas razões, este nome simboliza a vida de uma floresta que nasceu das águas que se fortalece ainda mais pela mistura das águas do rio Negro, formando o rio Amazonas, que se espalham por outros rincões e dessa maneira se tornou o nome mais conhecido e popular dos rios da região habitada pela poeta.

A autora, utiliza-se, portanto, desse rio popular, comum, e que tem representatividade por ali habitarem e extraírem sua sobrevivência. Assim, titulando o poema, a poeta faz uma clara homenagem ao povo indígena brasileiro.

Por toda sua lírica, do começo ao fim, a água é personificada, representando toda a dinâmica da vida. Tudo nasce da água do rio e tudo ele sustenta: lugar de nascimentos, de mudanças, de sustento, de renovação e de destruição. Desde o título, incluindo os 26 versos, a palavra água é retomada por diversas vezes como no verso 1º e 2º “A água é a mãe que sustenta, / A vida que nasce como uma flor”.

Desta maneira, o vocábulo “águas” aparece posicionado estrategicamente no título, seguindo para outros versos. É possível perceber, não só numa das estrofes, mas também em diversas outras partes do poema que natureza e eu lírico são indissociáveis, e essa é uma das características da poesia de Kambeba – conexão e equilíbrio com os elementos da natureza.

Percebemos que essa água em movimento, que tanto é fonte de vida e renovação quanto de ameaça ou destruição. Isso pode ser visto nos versos “A água é a mãe que sustenta, / A vida que nasce como uma flor/Alimenta a planta e o ser vivente, / É estrada por onde anda o pescador” assim como nos versos 5º e 6º “Na enchente, vem veloz e furiosa, / Derrubando ribanceiras, destruindo a plantação”.

Assim, “Como um dos símbolos elementares, a água é ambivalente, já que por um lado vivifica e fecunda, mas por outro também faz referência a destruição e perdição” (BIEDERMANN, 1993, p.12, tradução nossa). Em todas as culturas, e não menos diferente, são as dos povos indígenas em que é pelo rio que partem em busca de alimentos e de moradias. É também pelas enchentes que um novo território longínquo se estabelece, atendendo aos seus princípios de sobrevivência.

Já no Dicionário de Símbolos, Chevalier e Gheerbrant (1998), ao tratar do significado simbólico das águas, os autores relatam que: “As águas, massa indiferenciada, representando a infinidade dos possíveis, contêm todo o virtual, todo o informal, o germe dos germes, todas as promessas de desenvolvimento” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1998, p. 15).

Nessa linha de pensamento, Silva (1998) acrescenta que “[...]na Antiguidade, a água [...] por ser um dos elementos vitais para todas as sociedades, era revestida por um vasto conteúdo simbólico, demonstrando a sua importância na organização das primeiras civilizações situadas nas bacias de grandes rios e nas costas mediterrâneas”. Ainda, o autor reforça que a água sempre foi “motivo de veneração em diferentes culturas antigas” (SILVA, 1998, p.19).

No que concerne ao habitat dos povos originários, a água por ser compreendida como elemento sagrado, precisa ser protegida porque representa grande influência ao espaço da floresta. Na visão do filósofo, químico e poeta francês Gaston Bachelard, percebe a água “como um ser total: tem um corpo, uma alma, uma voz. Mais que nenhum outro elemento talvez, a água é uma realidade poética completa. Uma poética da água, apesar da variedade de seus espetáculos, tem a garantia de uma unidade (BACHELARD, 2002, p. 17).

Ao expor seu pensamento sobre a poética das águas, Bachelard, assim como o eu-lírico, expressa veneração, cumplicidade e parceria com as águas do rio e com o tempo, desenvolvida ao longo dos acontecimentos da vida de todo povo indígena.

Nesse contexto, observamos que quando caminhamos pelo poema, deparamo-nos nas linhas e entrelinhas com a cultura de um povo, seus costumes, sua formação, pois nos versos “Nas margens de um rio em formação, / Vive um povo que a água fez nascer”, a poeta utiliza a personificação para significar o nascimento de um povo pelas águas. Também, os versos passam-nos a impressão dessa relação de respeito com a água, que como sabemos, é passada de geração para geração nas aldeias indígenas por seus ancestrais.

Além disso, destacamos que a maioria dos versos do poema apresentam verbos que estão no tempo presente do indicativo, como veremos no 1º e 2º versos “A água é a mãe que sustenta, /A vida que nasce como uma flor”, o que demonstra pelos verbos conjugados ser; nascer - “é” e “nasce” a pretensão de Kambeba em evocar o aqui e o agora.

No verso, um dos mais longos do poema, “A várzea, o Kambeba escolheu pra viver”, o substantivo próprio “Kambeba”, refere-se ao povo Kambeba, aqui representativo de todos os povos indígenas e que por sua trajetória nos mostra a força e a resistência das opressões historicamente impostas pela sociedade patriarcal.

Nesse sentido, ao escrever “Kambeba”, essa palavra não só é representativa de uma organização social, mas também de toda a luta que os povos originários vêm travando ao longo de sua história. Sendo assim, “Kambeba”, esse substantivo próprio, colabora na construção do sentido de que todos os povos e nações, independentes de sua cor de pele, costumes e tradições, deveriam ser respeitados por todos.

Nos dois últimos versos da última estrofe “Exploraram a sua força, /Forjando uma falsa proteção” a ideia sobre exploração que se incide sobre os indígenas, a falsa proteção do estado é explicitamente escancarada no poema. Esse enunciado constrói-se como uma conclusão, além de fechar um ciclo de sentido no poema, nos ressalta o indígena longe de ter seu desejo de liberdade, de justiça, de respeito ao seu território.

Uma outra característica marcante é a musicalidade da escrita - a lírica contém rimas, mas não com o rigor da métrica vista em outras escolas literárias (flor e pescador; plantação e estação; surgir e destruir; formação e emoção; nascer e viver; socializado e aldeado e por último compaixão, civilização e proteção).

Ao falar do povo indígena, pensamos na função social que tem a obra de Kambeba, pois seu poema retrata todas as vidas de cada aldeia, que vivem e que já partiram, enfim, representa as mulheres indígenas, o retorno de si mesma às origens, a fala das pessoas da tribo e suas narrativas e todo um povo que fora escravizado, ignorado e quase exterminado.

O poema é existencialista pois trata da transitoriedade da vida, trazendo a realidade de muitos povos, por meio de extrema sensibilidade e musicalidade acentuadas. Os versos são construídos a partir de antíteses, em que percebemos algumas das ideias opostas de forma nítida nos versos e outros presentes nas entrelinhas da composição (vida e destruição; some e surge; liberdade e escravização; fico e passo).

É evidente que, por ser este um poema existencialista, Kambeba também descortina o âmago das questões sociais, históricas e políticas do nosso passado e da contemporaneidade, buscando a continuidade dessa luta por meio da literatura, do pessoal e do coletivo a fim de despertar a consciência política para que haja respeito ao direito dos povos indígenas.

Por isso, mais do que evidenciar a qualidade literária da obra poética de Márcia Wayna Kambeba, as análises desta poética têm a pretensão de colaborar para que a literatura indígena possa ser ainda mais reconhecida e que por meio de seu próprio discurso de resistência continue ecoando toda uma condição social que ainda estão submetidos os indígenas brasileiros.

O segundo poema a ser analisado neste artigo é um símbolo memorialístico das vivências infantis à atualidade representada por um ancião indígena. Kambeba homenageia o Tuxaua Valdomiro Cruz e o incorpora na palavra poética como se fosse ele o eu lírico protagonista das vivências narradas. A autora contribui para que fosse possível visualizar alguns acontecimentos importantes para os brasileiros na ótica indígena, já na primeira estrofe, o eu-lírico reivindica o espaço para a transmissão das suas vivências e repassa, pela escrita formal kambebiana as mensagens dos ancestrais a geração jovem:

MINHA MEMÓRIA – MEU LEGADO
(Homenagem ao Tuxaua Valdomiro Cruz)

Sou Tuxaua Kambeba e quero falar,
Antes que a idade não me permita mais lembrar.
Da vivência de minha infância,
Das lembranças do meu povo,
Servindo de alguma forma,
Para o recomeçar de um tempo novo.

Da vida que tive, lembro como agora,
Das lutas pela terra, pela vida que foi embora,
Para muitos de meus parentes,
Que morreram na batalha,
Por um lugar pra viver
E pela continuidade de um legado,
de uma história.

As terras que foram de meus ancestrais,
Hoje, não as tenho mais
Na luta para recuperá-las,
Esperamos dos governantes
A iniciativa para demarcá-las,
E continuarmos a vida,
Em convívio com a natureza e os animais.

Filhos da água, somos os Omágua
Temos sabedoria milenar,
Valentes guerreiros,
estamos firmes na marcha
Aprendemos com os pajés,
Os saberes da natureza,
Extraindo da seringueira
O leite que virou borracha.

Vi os mais velhos prepararem o látex,
E com eles a bota vi nascer,
Na dor dos meus irmãos que nos pés iam fazer,
O molde dessa peça que usavam pra calçar,
Na busca de uma caça para a fome saciar.

Hoje, para nova geração, deixo uma mensagem,
Que mantenham essa cultura com fé e a coragem,
De serem bravos guerreiros,
divulgando a memória,
Do povo cabeça-chata que fez parte da história,
Desse Brasil miscigenado, povo de fé,
de muitas vitórias. (KAMBEBA, 2018, p. 41).

É evidente o orgulho e o sentimento de pertencimento Omágua-Kambeba evidenciado no primeiro verso: “Sou Tuxaua Kambeba e quero falar”, destacando a necessidade desta voz indígena e também a relevância da ancestralidade na constituição e manutenção dos povos ameríndios. A voz dos mais velhos é muito valorizada, assim como o seu legado na identidade e nas lutas do povo. A cultura indígena sempre foi transmitida por vias orais e o registro formal com melindres poéticos, feitos com destreza por Kambeba, registra pela eternidade os ensinamentos que nunca foram e nunca serão esquecidos. Dorrico afirma que “Essas vozes, agora registradas em escrita alfabética e circulando de modo impresso, encontram na literatura indígena o lugar para a enunciação da expressão indígena e para reafirmação do caráter de resistência” (DORRICO, 2018, p. 227). A reafirmação da resistência é palpável neste poema kambebio.

O poema estrutura-se em seis versos e não padroniza as rimas dentre as estrofes, apresenta uma sonoridade típica dos cordéis nordestinos. Márcia Kambeba, além de autora, é também pesquisadora do legado indígena e entrevistou o Tuxaua Valdomiro Cruz na pesquisa realizada para a obtenção do grau de mestre pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, em 2012.

Na entrevista, o Tuxaua relata que a migração do povo Kambeba ocorreu perante a fuga do recrutamento para a guerra do Paraguai, que aconteceu na década de 1860. Ele afirma que na ocasião a tribo foi “adotada” pelo dono de um seringal, como uma estratégia de defesa contra o recrutamento. Nesta ocasião, ocorreu o que a autora chama de anulação da identidade indígena, que acontece quando o coronel “registra sua marca” na roupa, no chapéu e na canoa e os proíbe que se assumam como indígenas. Essa era uma prática comum entre os donos de seringais para demarcarem seus territórios” (KAMBEBA, 2012, p. 94). Assim, os indígenas não eram convocados à guerra pois estavam sob a tutela de um coronel e a consequência foi certamente devastadora para o povo que teve que se calar, resguardar a fala da língua materna e assumir os costumes e identidade do homem branco para sobreviver em uma situação sem alternativas.

Podemos visualizar a luta pela sobrevivência envolvendo o seringal, sobretudo na quarta estrofe em que o eu lírico afirma ter visto os ancestrais prepararem o látex, matéria-prima na construção de diversos materiais e marco importante na história da tribo Kambeba/Omágua. No quarto verso, é relatado o sofrimento dos ameríndios que usavam os pés como molde do látex na produção de botas: “Vi os mais velhos prepararem o látex, / E com eles a bota vi nascer, / Na dor dos meus irmãos que nos pés iam fazer,” (KAMBEBA, 2018, p. 41). Mesmo não tendo vivenciado as duras lutas nesta época, Valdomiro Cruz relata lembranças vívidas sobre as histórias contadas pelos seus pais e demais ancestrais, fato que demonstra a relevância do saber ancestral para o indígena.

As lutas, vitórias e perdas dos parentes são relatadas como lembranças vividas no poema e repassados para as gerações mais novas, a carga da ancestralidade e de tudo o que vivenciaram é grande e de necessário conhecimento para a valorização cultural das gerações mais novas Omágua/Kambeba. Na segunda estrofe o eu lírico revive as suas lembranças para registrar a dor das perdas dos parentes na batalha para manter as suas terras: “Para muitos de meus parentes/ Que morreram na batalha, / Por um lugar pra viver/

E pela continuidade de um legado, de uma história” (KAMBEBA, 2018, p. 49). Lembranças estas certamente muito dolorosas, mas que fazem parte da história indígena brasileira e fazem parte do legado de um povo sobretudo guerreiro e empenhado na luta pelos seus ideais culturais.

Para além das mortes causadas pelas guerras, lutas para a sobrevivência e pelo direito de viver nas terras que sempre foram suas, a tribo enfrentava as mortes causadas pelas doenças dos homens brancos, nunca antes enfrentadas por eles e apesar de ser um povo exímio conhecedor de ervas e chás medicinais, não encontrava acalento para os seus doentes por tuberculose e outras diversas doenças. Valdomiro Cruz relata que muitos dos seus morreram em decorrência da doença no século XX:

Morreram muita gente, ninguém sabia porque, ninguém conhecia a doença, era muito remédio do mato que os índios sabiam, nenhum deu jeito, só depois de casado que eu fui descobrir que a doença era chamada de tuberculose, com tosse e febre, foi assim que meus parentes se acabaram. (KAMBEBA, 2012, p. 95).

A fala do Tuxaua expressa a impotência de um povo muito sábio no curandeirismo, mas que se viu sem saída para uma doença por eles desconhecida, que acarretou no devastamento da sua família. “Meu pai morreu de tuberculose aos 56 anos e minha mãe também morreu de tuberculose, meus irmãos. Eu agradeço a Deus que hoje a minha aldeia está perto do hospital” (KAMBEBA, 2012, p. 95-96). O relato de Valdomiro e o poema como homenagem ao legado Omágua/Kambeba é sobretudo uma manifestação de resistência e de orgulho de ser indígena. Os percalços para manter as tradições vivas e para ecoar aos quatro ventos o orgulho de pertencer a esta tribo é o que faz da voz indígena, carregada de lembranças manchadas pelo sangue dos que se foram, tão potente.

Na terceira estrofe o eu lírico canta as glórias dos saberes da tribo com orgulho e exprime toda a sabedoria extraída da natureza e da cultura influenciada pelo homem branco. No primeiro verso desta estrofe o eu lírico afirma que os Omágua são filhos da água. Kambeba (2012) aponta que a origem da vida para a tribo tem a água como um elemento principal, representante da figura do criador, “[...] haja vista que antes de existir vida na terra, tudo era água.” (KAMBEBA, 2012, p. 156).

O povo Kambeba, segundo os sábios, nasceu de uma gota d’água que cai, topa numa folha de samaumeira, chega ao igarapé e daí nasce o homem e a mulher. Para muitos, isso parece “lenda” ou “mito”, mas para o povo Kambeba essa explicação de como nasceu faz parte da construção do ser-pessoa, da sua cosmologia, da sua existência no planeta. É uma verdade que se mantém por séculos, vai sendo repassada, e precisa ser perpetuada nas crianças em forma dessa força de ser um povo das águas, nascido de uma gota, que veio com a chuva, enviado por Tana Kanata Ayetú (nossa luz radiante). (KAMBEBA, 2018, p. 10).

Kambeba (2018) expressa a maneira com que o povo Kambeba exemplifica a criação da vida, tendo a água e os elementos da natureza como regedores da criação. Na citação, a autora exalta a importância de fazer as crenças e os saberes perpetuar nas gerações novas, para terem conhecimento das suas origens e da força que é ser indígena, filho da água. Sobre a escrita poética de Kambeba, Mandagará (2018, s/p) aponta que ela é marcada pela ancestralidade e símbolo das transições, tanto em território quanto culturalmente, realizadas para a sobrevivência na sociedade contemporânea.

A ancestralidade, condição de herdeiro de um passado, marca a identidade indígena na poesia de Márcia Kambeba. Se a vida agora é na cidade, a cidade é também aldeia – mas, por outro

lado, não é como se tudo fosse o mesmo, já que a dor do passado (“contato fatal”) continua presente (MANDAGARÁ, 2018, s/p).

O jogo entre a ancestralidade e a migração para a cidade é presente em todo o livro *Ay Kakari Tama (Eu moro na cidade)* e exprime a visão do indígena violentado por séculos e que tem a sua identidade questionada pelo Estado. A poesia, se torna possibilidade de ecoar a descendência indígena dos povos que moram na cidade, mas que não abandonaram a sua ancestralidade.

Ao final, na quinta estrofe, o eu lírico na figura do ancião Omágua/Kambeba deixa uma importante mensagem para a nova geração. A mensagem é uma afirmação da resistência necessária para que se mantenha a cultura indígena, sempre com orgulho de fazer parte da história do Brasil e com fé nas vitórias que virão, carregando a sabedoria dos bravos guerreiros ancestrais. Neste segmento, o poema pode ser visto como um espaço para a perpetuação e a concretização das vozes indígenas carregadas de histórias de luta, de perdas, de ancestralidade e de sabedoria. A escrita de Márcia Wayna Kambeba é símbolo de resistência realizada pela voz feminina como guardiã da sabedoria cultural ancestral e uma afirmação dos laços com os ancestrais espirituais, é perpetuação da palavra oral, na poética formal.

Considerações finais

Conforme nos mostra a educadora, escritora e pesquisadora da UFPR em estudos acerca da literatura e cultura indígena Janice Cristine Thiel que “A arte de narrar histórias está entrelaçada à própria história humana. Indispensável à construção de grupos sociais, narrativas de tradição oral, escrita e performática representam práticas de tessitura de imaginários, manutenção de saberes ancestrais, expressão artística, criação e legitimação de identidades” (THIEL, 2012, p.43). E é com esse pensamento que acreditamos responder às indagações presentes neste artigo.

Então, poetas e escritores como Kambeba, Munduruku, Dorrico e muitos outros pesquisadores fazem a diferença dentro de um processo de socialização da leitura e da escrita no Brasil. Assim sendo, acreditamos que os bardos e os pesquisadores destacados acima tem um papel essencial na história da literatura indígena brasileira, quer sejam eles conhecidos ou até mesmo desconhecidos do público leitor. Nesse sentido, quando Kambeba nos traz outras imagens e significações, uma outra forma de escrita, que ao ler e reler seus poemas percebemos que a poeta revela e desvela a história de seu povo.

Finalizando, destacamos a importância do trabalho com a autoria indígena na sala de aula como uma forma de valorização da escrita, mas, sobretudo uma maneira de combate aos estereótipos decorrentes dos preconceitos dos homens brancos. O trabalho com a literatura indígena na sala de aula é de suma importância para a criação de subsídios de interpretação e valorização da cultura indígena brasileira, que resiste e insiste com orgulho em demonstrar a sua importância na sociedade brasileira.

A palavra é manifestação da alma, símbolo de resistência, e como afirma Kambeba (2018), um objeto de arte a ser lapidado. Neste segmento, a palavra indígena é resistência carregada de ancestralidade e da contemporaneidade do indígena que mora na cidade, na aldeia ou onde for o seu lugar, mas que carrega consigo a força do sangue de ser originário.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. Trad. Antonio de Pádua Denesi. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BIEDERMANN, Hans. **Diccionario de Símbolos con más de 600 ilustraciones**. Traductor Juan Godo Costa. Barcelona: Ed. Paidós Iberica, S.A, 1993.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

DORRICO, Julie et al. (Org). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Editora Fi: Porto Alegre: 2018, 424 páginas. Disponível em: <<https://www.editorafi.org/438indigena>> Acesso em: 17 jul. 2021.

ELIOT, T. S. **A função social da poesia: de poesia e poetas**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Ay Kakyri Tama = Eu moro na cidade**. São Paulo. 2ª Edição Jandaira, 2018.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 729 p.

MANDAGARÁ, Pedro. Uma forma de ver as literaturas das mulheres indígenas. In: **Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco**. Publicado em 06 de junho de 2018. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2100-uma-forma-de-ver-as-literaturas-das-mulheres>. Acesso em: 08 abr. 2022.

OLIVEIRA, Nelson. **Garimpo na Amazônia revolta indígenas, assusta estudiosos e mobiliza senadores**. Brasília, DF, 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/09/garimpo-na-amazonia-revolta-indios-assusta-estudiosos-e-mobiliza-senadores>. Acesso em: 14 abr. 2022.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. Autoria e ativismo de originários na escrita da história. In: DORRICO, Julie et al (Org). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Editora Fi: Porto Alegre: 2018, p. 26-41.

SILVA, Elmo Rodrigues da. **O curso da água na história: simbologia, moralidade e gestão de recursos hídricos**. 201p. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 1998.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. Disponível online em formato de e-book: <https://pt.scribd.com/read/405751593/Pele-silenciosa-pele-sonora-A-literatura-indigena-em-destaque#>. Acesso em: 12 abr. 2022.